



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>

Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário

Geni Núñez¹

RESUMO: o ensaio discute a relação que há entre a teoria e a prática da violência colonial, problematizando os efeitos do sistema de monocultura na conjuntura dos negacionismos. A partir da cosmogonia anticolonial guarani, o texto busca apresentar pistas para o reflorestamento das relações do humano entre si e com os demais seres.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo. Monoculturas. Perspectivas indígenas.

Thought monocultures and the importance of reforestation of the imagination

ABSTRACT: This essay discusses the relationship between the theory and practice of colonial violence, problematizing the effects of the monoculture system in the context of negationism. Based on the Guarani anticolonial cosmogony, the text seeks to present clues for the reforestation of human relationships with each other and with other beings.

Keywords: Christianity. Monocultures. Indigenous peoples perspectives.

A violência colonial tem atingido múltiplas esferas da vida, desde a exploração das terras, matança dos rios, extinção de múltiplas espécies até à exploração do território-corpo que somos. Há nessas relações agrotóxicas uma interconexão e interdependência. Da mesma forma que essas violências incidem sobre nós de maneira conjunta, o enfrentamento a elas também deve acompanhar a complexidade que essa tarefa nos traz.

Se como nos ensina Fanon (1968), o mundo colonial é um mundo de compartimentos (natureza ou cultura, humano ou animal, mente ou corpo, selvagem ou civilizado etc.), uma das dificuldades que temos é o binarismo por vezes posto nas noções de teoria e prática. Aqui vale ressaltar que a



prática da violência ecocida, etnocida, racista e misógina não é apenas o desvio ou desobediência de uma teoria de mundo que seria ética, mas uma continuidade com o que essa própria ideologia colonial orienta.

Quando comento de ideologia colonial, estou falando do que tenho chamado de sistema de monoculturas, organizado em alguns eixos como a monocultura da fé (no monoteísmo cristão), a monocultura dos afetos (na monogamia), a monocultura da sexualidade (no monossexismo) e a monocultura da terra, cuja imposição do Um antagoniza com o princípio da floresta, necessariamente múltiplo (NÚÑEZ, 2021).

É através da compreensão desse sistema de pensamento que podemos reconhecer os efeitos de suas práticas violentas. Nessas monoculturas um dos eixos centrais é o pressuposto da não concomitância: só um deus seria verdadeiro, só um amor seria legítimo, apenas uma sexualidade a ser escolhida, apenas um plantio na terra e assim por diante. Esse modo unívoco de existir só consegue se positivar na negatificação de outros seres, operando através de uma lógica parasitária. Nela, humano seria a negação do animal, civilizado a negação do selvagem, além de não haver concomitâncias: nunca azul e rosa, masculino e feminino, humano e animal ao mesmo tempo.

No monoteísmo cristão, essa ideologia orientou todo o projeto catequizador, afinal, foi justamente por não reconhecerem outros deuses e espiritualidades como legítimos que o projeto de conversão encontrou sua motivação de nos salvar. Sabemos que os jesuítas não vieram para cá para serem salvos por nós indígenas, mas para nos salvar. Salvar de quê? Daquilo que inventam como pecado e por consequência, do sujeito que se efetiva a partir dessa noção, o pecador. Por aí percebemos que o projeto de catequização foi em si mesmo um gesto de racismo religioso que persiste até os dias contemporâneos, visto que a noção de que apenas um deus seria verdadeiro coincide com o ataque, a perseguição e a violência contra aqueles deuses que seriam os falsos.

Em nossas cosmogonias indígenas nunca tivemos essa motivação de impor ao mundo todo nossa perspectiva como se fosse a única possível, nunca buscamos “converter” o planeta todo ao nosso



deus. Essa ideologia de um monocultivo do pensamento implica em uma certa agenda de ação no mundo, orienta um certo modo de se vincular com os demais seres.

Para compreender melhor as raízes desse pensamento no cristianismo, Nietzsche (2009) relembra a influência do platonismo nessas lógicas. Segundo ele, o cristianismo empresta do platonismo a ideia de dois mundos, um real e outro ideal, a ideia do corpo como oposição do espírito, a noção de uma vida imperfeita (terrena) e uma vida perfeita (celeste). O corpo, nessa perspectiva, torna-se algo a ser combatido, um território inimigo da alma. Este tipo de pensamento tem como um de seus efeitos uma precarização da qualidade da vida psicossocial, na medida em que toda a experiência é sempre tida como aquém daquela maior que um dia chegará. Um dos efeitos dessa ideologia é o que Nego Bispo (2018) chama de “desenvolvimento” com o próprio corpo, com a própria terra.

O desenvolvimento, aqui compreendido desde a potência do seu prefixo, diz desse afastamento consigo mesmo e com os demais seres no qual esse sujeito da epistemologia cristã é construído. Se essa vida é imperfeita, se o mundo foi criado por e para Adão (que a tudo nomeia), se o humano foi feito à imagem e semelhança de Deus e não a capivara, o rio, as joaninhas, então esses seres importariam menos ou nada em relação à centralidade do humano. Não à toa a hipótese heliocêntrica foi tida como herege, visto que desafiava a centralidade do humano e do planeta Terra, descolando-os do lugar de um protagonismo terraplanista.

Quando os colonizadores chegaram aqui, eles fizeram aquela pergunta aos nossos ancestrais: “têm alma ou não?”. Essa pergunta buscava verificar se nós éramos humanos ou se éramos bichos e apenas os primeiros poderiam ser catequizados, civilizados, tornados gente. Para nós guarani, essa pergunta não tem essa resposta (PERALTA, 2017). Sim, nós temos alma, mas o rio também, o milho também tem alma, todos os seres têm espírito e é por entender que eles são nossos parentes que os respeitamos. Não é porque nós indígenas temos uma especial sensibilidade inata com os demais seres, é que nossas histórias, nossas cosmogonias não são da monocultura do pensamento. Como diz o parente Alexandre Acosta:

essa terra que pisamos é nosso irmão, (...) a terra também é um guarani. É uma pessoa, tem alma. Essa terra aqui é nosso



parente, mas uma pessoa acima de nós. (...) por isso, quando os parentes morrem, a carne e o corpo se misturam com a terra. Por isso que temos que respeitar a terra e esse mundo em que a gente vive (ACOSTA, 2009, p. 25).

Para desconstruir o negacionismo não basta atuar na dimensão da informação, apenas, mas na própria barreira emocional que a ideologia colonial engendra. Em nossas perspectivas, não é através do desenvolvimento, mas sim do envolvimento com o corpo, com a terra, que tecemos caminhos de convivência saudáveis (BISPO, 2018).

O negacionismo é uma forma de tentar dar um sentido ético às violências, um meio de criar uma conciliação emocional consigo e com o mundo. Se observamos, por exemplo, em violências como misoginia e racismo, percebemos que raramente alguém racista ou machista irá se autodenominar dessa forma. O que costuma acontecer é justamente uma negação e ela se dá através da desqualificação das vítimas e um apelo moral ao agressor, como se “ser uma boa pessoa” fosse um impeditivo direto de cometer violências. O que fica obliterado nesse caminho é que a maior parte das opressões acontecem não em nome do mal e do ódio, mas em nome do amor, do bem, da moral. Combater a força de movimentos negacionistas nos convoca a redirecionarmos nossos esforços não apenas aos discursos e práticas de ódio, mas sobretudo às narrativas de amor, pois é exatamente em nome desse que as violências decorrem. Em nome do bem a conversão cristã se fez e se faz, em nome da “cura gay” que as lgbtfobias se organizam, em nome do bem e do protagonismo do humano contra os demais seres que se autorizam as explorações e chacinas aos seres ditos sem alma.

Ao mesmo tempo, o combate ao negacionismo talvez não deva passar pela busca da verdade absoluta, mas valer-se de outros critérios. Se temos diversas narrativas de mundo, para além da simplificação verdade ou mentira, que outras perguntas podemos nos fazer? E se em vez do critério da verdade suprema nos inspiramos em pistas como: essa narrativa de mundo promove saúde? Essa cosmogonia inspira coletividade e partilha ou mérito e superioridade?

No negacionismo ambiental, articulado com a ideologia cristã e capitalista, a ideia de ordem e progresso considera um “final feliz” em uma vida futura, a celeste. Essa vida é percebida como



mera passagem, como objeto e mercadoria. Se as sociedades não indígenas não se guiassem por esse marco temporal, que outros cuidados teriam com a terra? Se a vissem como sua parente, como parte de si mesmos? Se seus deuses não morassem no andar de cima, mas conosco, no vento, nos rios, nas águas, como seriam os cultos sem o sobre-natural?

Enquanto não combatermos a monocultura do pensamento não será possível reflorestar nossa existência.

Concluo com um poema de minha autoria, abaixo, no qual falo de outras formas sobre a discussão apresentada nesse texto. Enquanto escrevo, agradeço ao ar, ao vento, à água e ao alimento que corporificou essa cria e tornou minha/nossa vida possível.

Vestida estou de minha alegria

Tenho em mim todas as idades do mundo

*Se a maior parte do meu corpo é água,
também sou rio*

Se só existo, se respiro, também sou vento

*Os trilhões de microorganismos que convivem em mim, em nós, não me deixam reivindicar a
autoria individual do ser que somos*

Com quantos milhões de seres se faz nosso sorriso, lágrimas, gozo?

*A cada vez que vejo o pôr do sol, a chuva, festejo a lembrança de saber que também sou (parte do)
sol, da chuva, da terra.*

Toda vez que machucamos a terra é uma autodestruição

*Alguns não indígenas dizem não se preocupar com o "meio ambiente" porque sua vida humana é
limitada a uma certa idade e nem estarão aqui quando as coisas piorarem ainda mais.*



Ainda que não se pense nas gerações seguintes de humanos, há que se lembrar que nosso corpo vai se transformar em terra, bichinhos, planta, o ciclo da vida não tem começo, meio e fim, é espiralar.

Eu aspiro que se em outro momento da minha corporalidade eu for peixe, que eu possa nadar fora de um aquário, que eu possa viver num rio-universo com milhões de outros parentes, sem estar em cativeiro, sem viver no veneno.

Se eu for planta, bicho, não vou querer que minha potência de vida seja esmagada pelo agrotóxico.

Se for nuvem no céu, meu desejo é que possa chover água potável.

Que em nenhuma das minhas/nossas versões impere a monocultura colonial.

Em todas as versões que eu fui, sou e serei, permaneço indígena, originária e nativa dessa terra.

Reconstruo minha autoestima amando meus parentes: "puxou a cara do rio, é o mar escrito, é igualzinha uma árvore".

Isso que quero ouvir e lembrar, com lágrimas nos olhos, as mesmas que orvalham as folhas, recupero e retomo meu direito de estar aqui,

com-vivendo e me (des)envolvendo nos fios que fazem nosso planeta-casa continuar circulando, sendo mais um entre muitos, pequeno e imenso ao mesmo tempo.

Abraço o que sou e sigo, sorrindo com os trilhões que me habitam.

Em toda forma e cor que fui sou e serei, sou apenas parte e ser parte é infinito².

Bibliografia

ACOSTA, A. In. "Mano'i Rapé = caminho da sabedoria", 2009, org FREIRE, J., ed. Local.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. 3 ed. São Paulo: Editora Escala, 2009.

NÚÑEZ, G. Da cor da terra: etnocídio e resistência indígena. **Revista Teoria & Cultura**, Rio de Janeiro, Edição especial, 2021, p. 65-73.



PERALTA, A. Agroecologia Kaiowá: tecnologia espiritual e bem viver, uma contribuição dos povos indígenas para a educação. **Revista Movimentação**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados, 2017. P. 1-19.

SANTOS, A. B. Somos da terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44 - 51, 2018.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Graduada em Psicologia (UFSC), mestre em Psicologia Social (UFSC) e doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Membro da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos/as (ABIPSI) e co-assistente da Comissão Guarani Yvyrupa. Email: geninunez@gmail.com

2 Poema declamado na Web Série Leia Mulheres Indígenas, do SESC IPIRANGA: https://www.youtube.com/watch?v=79sC_C8-pQs&t=6s